

Qualidade no Ensino

Horácio Almendra

horacio.almendra@iqe.org.br
www.iqe.org.br



Colaboração:

Maria Helena Braga / mhelena.braga@iqe.org.br
Maria Sidalina Gouveia / sidalina.gouveia@iqe.org.br
Cristina Luiza Garbuio / cristina.garbuio@iqe.org.br
José Gayoso / jose.gayoso@iqe.org.br
James Zomighani/james.zomighani@iqe.org.br

É preciso renovar o ensino de Geografia

James Zomighani/
Especialista Formador de
Geografia do IQE – Instituto
Qualidade no Ensino

A Geografia, ciência criada pelos gregos e reinventada pelos franceses no século XIX, teve a “descrição” das regiões como seu primeiro método de conhecimento da realidade. Seu fundador, o eminente professor francês Paul Vidal de La Blache, trouxe à baila os “gêneros de vida”, ou seja, culturas que forjavam regiões produzidas pelo domínio técnico sobre o meio natural. Sua valorosa contribuição à Geografia resultou de

enorme esforço intelectual para se conhecer a totalidade do mundo naquela época.

No entanto, até hoje, a descrição tem direcionado o ensino da disciplina, mas o mundo e a Geografia mudaram, exigindo novos métodos. A “decoreba”, ato forçado, muitas vezes inútil, de se memorizar formas de relevo, nomes de rios e capitais, ainda é lembrada com pouca saudade por nossos pais e avós. Muito mais do que descrever, é importante compreender como as forças políticas, sociais e econômicas produzem,

seletivamente, geografias particulares. A metrópole, o distrito industrial e a favela são alguns exemplos.

O território passa então a ser desvendado em sua práxis política, alicerce do Estado nacional, ou pelas geopolíticas contemporâneas (com seus agentes, conflitos e representações espaciais), como nos ensina o também geógrafo francês Yves Lacoste. Na era da globalização, a descrição não resulta em explicação suficiente, esclarece-nos o geógrafo brasileiro Milton Santos. Quantos de nós, em tempos de aceleração

contemporânea, encontramos paisagens intactas, ao retornarmos a um “velho” lugar conhecido?

As novas dinâmicas geográficas decorrem da profunda ligação entre mundo e lugar, um dado novo da realidade concreta. O funcionamento dos objetos geográficos (portos, aeroportos, rodovias, cidades, redes viárias dentre outros) está condicionado às questões políticas, econômicas e culturais. Esses aspectos permitem compreender as relações de poder entre países e no interior das fronteiras nacionais. Pro-

duzem, também, muitas vezes, inúmeras desigualdades, como pobreza e riqueza coexistindo no mesmo território, nem sempre, infelizmente, de forma pacífica.

O atraso no ensino de Geografia é consequência da letargia das universidades na mudança dos currículos, das lacunas entre novos paradigmas científicos e de práticas pedagógicas envelhecidas. Para dar conta dos desafios de ensinar a interpretar o mundo contemporâneo, os professores de Geografia devem utilizar-se também de fotografias,

músicas, vídeos e imagens produzidas com as novas tecnologias. As imagens de satélite que - muito recentemente, eram ficção científica - hoje são retratos empíricos da totalidade, pois permitem conhecer como se forma a complexa geografia dos lugares, estimulando professores e estudantes a pensarem de modo mais criativo, reflexivo e crítico.

Esses docentes, bem preparados para ensinar os novos conteúdos da ciência geográfica, formarão cidadãos mais completos e, portanto, capazes de enfrentar os desafios do século XXI.